**O ANJO ZACARIAS**

CAPÍTULO UM

Felícia Baltasar enfia a gargântua redondez de formas na pastelaria do Bairro. Vai para mais de cinco horas que, na mente, namora os pastéis de nata, as bolas de Berlim, os croquetes de ovo, os croissants de chocolate e os babás dispostos na montra. Ai, comer aquilo tudo...! Empanturrar-se. Meter para o bandulho a deliciosa doçura que a transporta aos céus.

É difícil espremer-se através da porta. Porra. Feita para anões ou o camandro. Sabe que fazem de propósito. Os empregados - dois, ambos de bigode - torcem-se para não rir. Felícia lá entra, com um empurrão final da velhota que há meses teve um avc e só quer comer uma tostazinha, e a cabra da gorda a empatar. Mas que trambolho. A velhota segue para a mesa, os olhos desdenhosos fixos apenas por segundos na cara bovina de Felícia. Jesus, que mastodonte. Se aquilo, se aquilo tem algum jeito. As pessoas até falam, tão obesa, irra. Se fosse *masé* àqueles programas de televisão, onde põem os badanhas a pular e a saltar e a fazer exercício, que aquilo o único exercício que fizeram na vida foi mover os músculos faciais para abrir a bocarra e encher com chouriços e pão-de-ló e queijos da serra e gorduras; se fosse *masé* a esses programas ao menos emagrecia. Se aquilo tem alguma presteza. Olha *páquelas* banhas. Olha *práquilo*... Se tem, se tem...

A velhota lá se senta e espera, espartana a e silente, pela tostazinha - entregue de imediato.

Coitada da senhora velhota, tsst-tsst, que tanto passou na vida - e nem sabem eles a missa a metade!

Felícia arrasta, imune à humilhação, por Deus, aquilo é o pão nosso de cada dia (no gráfico da Humilhação o evento nem regista), ela arrasta o sebo, dizia-se, até ao balcão e mesmo antes de pedir, já o senhor de bigode lhe passa para as mãos o saco de plástico com os bolinhos do seu vício.

Este é um pequeno momento degradante, sim, mas a fome é imperiosa e imensa. Se não a alimentar, a fome come-a por dentro.

Paga, imune a suaves e abafados motejos, e sai. Antes de chegar a casa (um rés-do-chão, graças a Deus) já metade do conteúdo encontrou abrigo no expandido estômago.

\*

Felícia, a Gorda; o alarve, a comilona, a devoradora, a esgalmida. A insaciável Felícia, a que traga com a graça de um tigre da Tasmânia; a lambona! A limpa-pratos voraz! Glutona gordufa. A gordalhuda! Felícia gordalhuda, Felícia gordalhuda! Pareces um leitão. Pareces uma porca. Ó, pançuda*! Paaançuudaaa*! Adiposa! Adiposidade andante! Felícia barriguda, Felícia barriguda! Pareces um repolho a estourar de sebo. Mas que banhas. Porra que és colossal e Dilatada! És uma marmanja espaçosa, olé. Epá, ‘tá a acordar.

Felícia dormiu no sofá, exíguo para ela e a sua corpulência. Despertou do estranho sonho. Andava a tê-lo, era recorrente há semanas. Dinheiro para psiquiatras ou terapeutas não havia; vontade de falar com família ou amigos também não. Há-de passar, diz-se. Com certeza passará. No meio do sonho em que revê a humilhação no casamento da prima, seis meses antes, é despertada por uma torrente de insultos que se infiltram no tempo onírico e vão morrendo à medida que desperta.

Sente o coração diminuir, encolher-se, matar-se um bocadinho ao relembrar a vergonha durante a boda de Sandra. Usou um vestido cor-de-rosa brilhante, a apertar-lhe as formas bovinas, ainda mal a boda começara e já ele arrebentara por todos os cantos. Foi para casa embrulhada numa toalha, alguém teve a bondade de pagar um táxi. O vestido ficou no chão dos sanitários e recorda, vivamente, um gajo qualquer, atrapalhado, a vomitar em cima dele. Tiraram fotos e aquilo circulou por todo o lado: Felícia encamisada numa toalha de mesa. Cada vez que falam com ela riem. Riem muito.

Pode o coração suicidar-se? Se ao menos pudesse...

Levanta-se. Procura os bolos. Descobre o saco de plástico e as embalagens vazias. Comeu tudo, nada sobrou. Teve a súbita iluminação: esta é a minha existência para sempre, até ao fim; é assim que vou viver até ao fim dos meus dias. Na mente a aterradora imagem a formar-se: os bombeiros rebentam com a porta para retirar o corpo, morto e pesado, e transportam-na, fétida, até ao cemitério.

Felícia, ‘tadinha (clama a avó amiúde), ‘tadinha da Felícia, há-de morrer mais gorda que um cachalote.

E foi então que o viu.

O filho-da-puta do anjo a flutuar perto do tecto. Tinha uma expressão sarcástica, mirando-a como um gato a observar o rato, a sua futura refeição.

Ela dá um salto e recua, apavorada, até à parede.

- Não te assustes, pá, que eu sou do Bem.

O anjo faz um salamaleque complicado, curva-se e apresenta-se:

- Anjo Zacarias, à tua disposição. Chamaste e cá estou eu! Sim senhor, sim senhor. Merda de casa. Estaminé nojento, mas nem sempre se tem a sorte de trabalhar com bilionários ou a realeza, não é? Às vezes há que servir a ralé, o povo miúdo. Que raios ‘tás *praí* a fazer, ainda colada à parede, com esses olhos bovinos esbugalhados? Chiça, até mete nojo. Faz favor de sentar o rabo no sofá.

Felícia nem se moveu. Mas que raio de criatura é esta?! Vê uma entidade alta, tem pelo menos metro e noventa de altura, vestida com uma túnica branca que lhe chega aos pés, e a envergar um grandioso par de asas que ela nunca tinha visto em toda a sua curta vida. Eram tão grandes que se esparramavam contra o tecto, apesar de estarem relativamente recolhidas. O... anjo? Com aquele discurso, se era um anjo então alguém lhe andou a mentir nas aulas de catequese. O anjo tinha olhos verdes e cabelo loiro, longo e encaracolado. Possuía uma beleza transcendental, divina, ela nunca vira humano tão belo quanto aquela criatura, porém a personalidade sardónica, o cinismo e a má-criação, além de uma incompreensível arrogância, tornavam-no imediatamente desagradável e não havia beleza nenhuma que superasse essa primeira impressão. Além de medo, o que Felícia sentiu foi uma extrema e imediata antipatia.

Ele, ao ver que ela não se move, faz um gesto rápido com a mão e o corpo de Felícia flutua até cair no sofá.

- Então, ‘tá melhorzinha, a menina? Sente-se melhor, o querubim rechonchudo? Ou quer colinho? Queres colinho, linda, hã?

O tom era lento e zombador, sendo mais que evidente que o dito anjo se estava a rir às suas custas. Aquilo só podia ser um sonho. Não havia outra explicação lógica. Um filhodaputa de um sonho com um cabrão de um anjo a quem só dá vontade de partir o focinho.

- Queres um chazinho para acalmar? Fala, porra!

Zacarias desiste e tenta movimentar-se no minúsculo apartamento, enquanto diz para si mesmo:

- Era o que me faltava, calhar-me um trambolho na rifa. E retardado! Chiça - estacou e mirou-a com ar feroz. Uma das asas, mercê da irritação, distendeu-se e partiu a jarra a ornamentar o televisor. - Fala, caneco, diz alguma coisa!

Felícia, tremelicante, gaguejou até conseguir arrotar as palavras:

- Quem... o quê... quem.. és tu?

Ele mirou-a por um segundo e respondeu:

- Anjo Zacarias, à tua disposição. Já tinha dito. És surda ou quê? Ou és burra? Não respondas, não vale a pena.

De súbito bateu as palmas e o som ribombou pela sala.

- Ai, Jesus - murmurou ela, aterrada.

- Conheço. Bom gajo. Um bocado parvo das ideias, mas bom tipo. Bom, vamos lá passar ao assunto que me traz a este pardieiro.. - revirou os olhos e a cabeça como se visse o apartamento pela primeira vez. - Sinceramente, que bosta de sítio. Não estou nada habituado, aviso já. Por norma fico sempre numa ala do palácio ou castelo. Tocas como esta... há séculos que eu não... - parou, fechou os olhos, inspirou fundo e tornou a abri-los. Duas pedras verdes faíscam com violência na direcção da tiritante Felícia Baltasar.

- Não importa! O que importa é realizar o que tu queres e ala!, ala para outros sítios mais... agradáveis (como é que vocês humanos vivem nestas caixa nestas condições, Santo Espírito Santo!).

Ele parecia irritado. Topava-se à légua que pretendia pirar-se rapidamente, cumprir a missão (qualquer que ela fosse) e pôr-se na alheta.

O anjo Zacarias fitou-a, encolhida no sofá, e disse:

- Levanta-te.

Ela continuou enterrada nele, sem forças para o olhar na face. Furioso, ele ordenou:

- Ergue-te, humana insignificante! Ergue-te, diabo!

A um gesto da mão angélica, Felícia levantou-se, mas não por vontade própria. Ele cerrou e reabriu os olhos, murmurando, enquanto se aproximava do seu rosto:

- Queres que isto acabe depressa ou não?

Estarrecida, Felícia acenou que sim. Respirava com dificuldade e o pânico assoberbava-a.

- Então presta atenção.

O anjo retomou a pose, afastou-se e flutuou no ar até as asas se espalmarem contra o tecto. Não se sabe bem donde, tirou uma trompeta e tocou-a tão alto, provocando uma barulheira de tal intensidade que os alarmes dos carros dispararam. Guardou a trompeta no meio das vestes e a seguir, como que por magia, apareceu um rolo na mão esquerda, que se desenrolou sozinho até tocar na mão direita.

O anjo limpou a garganta e começou, em voz troante que fez estremecer o prédio inteiro:

- Felícia Baltasar, fica por este meio notificada que o pedido foi atendido. Com os poderes que me foram outorgados pelo Reino dos Céus reitero que o seu pedido foi atendido!

O anjo parou de falar, guardou o rolo no meio das vestes, desceu e perguntou:

- O que é que tens que se coma?